

MUSEU DA PESSOA

História

Coisas que escrevi sobre minha vida em uma tarde de sol

História de: [Augusto Jeronimo Martini](#)

Autor: [Augusto Jeronimo Martini](#)

Publicado em: 18/04/2006

História completa

Quando eu tive que sacrificar a minha cachorra, o dia amanheceu e eu nem me dei conta disso. Tinha um gosto seco sobre a língua calada. Uma sensação desagradável. Sinto saudades do filho que nunca terei. Meu filho, meu futuro morto. Que saudades tenho da vida. Daqueles domingos de manhã que tinham um sabor tão delicado, tão especial. O sino da igreja de N. Sra. Aparecida tocando. Minha mãe fazendo café no coador de pano. Um cheiro de terra bem molhada no quintal. Meu cachorro pulando sobre mim e me lambendo a cara dando bom dia. Meu pai, lá no rancho, com suas ferramentas, fazendo banquinhos e escadas, e eu na esperança que fizesse um brinquedo para mim. Quantas imagens turvas, amareladas, quase apagadas. Mas era domingo nesses dias passados em que penso. E havia ainda canteiros de margaridas e um perfume de alecrim misturado com flor de jabuticaba. E havia no quintal do vizinho uma jabuticabeira que dava frutos o ano todo Grandes e pretas, que adoçavam meu espírito. Havia um sol tão bom que iluminava meu quarto pelas frestas da veneziana. Lembro-me que o domingo sempre era bom, prometendo brincadeiras, macarronada e televisão na casa da "Tia Nica". E às vezes havia a banda da Igreja de Nossa Senhora Aparecida que tocava nos finais de semana. O som do trombone me assustava. Estremecia o coração Mas era um susto bom e eu gostava. Às vezes, havia sorvete de milho verde no fim do dia, feito em casa e "gelado" na geladeira da vizinha. E tinha brincadeiras. Os meninos se misturavam com as meninas. "Domingo pede cachimbo. O cachimbo é de barro e bate no jarro. O jarro é de ouro e bate no touro - o touro é valente e chifra a gente - a gente é fraca e cai no buraco - o buraco é fundo e acaba o mundo"... Que saudades daqueles domingos. Naquele curto tempo bom que aconteceu antes de tudo começar a ruir e eu ficar adulto. Meu cachorro morreu. Minha cachorra também morreu. Minha mãe morreu. Meu pai morreu. Aqueles domingos morreram. Não há mais brinquedos feitos em casa, com latas e caixas de fósforo. Não há mais "porquinho de chuchu e batata". Não há mais quintal de terra. E os sinos de hoje, só os que ouço são os da Catedral da Sé, misturados ao burburinho da rua. Minha memória falha. Muitos neurônios e memórias foram destruídos ou esquecidos. Tento lembrar de coisas da infância e não consigo. Os perfumes de alecrim e flor de jabuticaba foram substituídos pela fumaça da poluição urbana da grande metrópole. E os domingos? Meus atuais domingos de manhã... Quando acordo já se foi quase metade dele. Um novo ano começou há pouco. Que diferença faz do ano que terminou há pouco? E o sentido? Onde foi parar o sentido disso tudo? Coisas terminam. Coisas começam... O sentido - devo tê-lo bebido junto do último gole de chá e nem percebi. Fiquei tanto tempo vendo o tempo passar que agora sinto minha alma úmida. Ou será seca? Acho que é úmida, pois há mofo em certas coisas que estão em meu coração. Se ainda houvesse uma Tabacaria em frente da minha janela. E de lá saísse um Esteves que por um instante viraria, me veria e acenaria com um adeus. E eu gritaria: - adeus Esteves Numa tentativa desesperada que o universo me reconstruísse de imediato... E fico com esse consolo do Fernando Pessoa. E com a música que me aquece e embala. Músicas antigas fazem viajar. Umas lembranças. Um saudades. A noção de certas coisas. E a esperança de que a pessoa que amo descubra que aquele que ela amava ainda é o mesmo, talvez melhor que o anterior. Cântico Negro José Régio "Vem por aqui" — dizem-me alguns com olhos doces, Estendendo-me os braços, e seguros De que seria bom que eu os ouvisse Quando me dizem: "vem por aqui" Eu olho-os com olhos lassos, (Há, nos meus olhos, ironias e cansaços) E cruzo os braços, E nunca vou por ali... A minha glória é esta: Criar desumanidade Não acompanhar ninguém. Que eu vivo com o mesmo sem-vontade Com que rasguei o ventre a minha Mãe. Não, não vou por aí Só vou por onde Me levam meus próprios passos... Se ao que busco saber nenhum de vós responde, Por que me repetis: "vem por aqui"? Prefiro escorregar nos becos lamacentos, Redemoinhar aos ventos, Como farrapos, arrastar os pés sangrentos, A ir por aí... Se vim ao mundo, foi Só para desflorar florestas virgens, E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada O mais que faço não vale nada. Como, pois, sereis vós Que me dareis impulsos, ferramentas, e coragem Para eu derrubar os meus obstáculos?... Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós, E vós amais o que é fácil Eu amo o Longe e a Miragem, Amo os abismos, as torrentes, os desertos... Ide tendes estradas, Tendes jardins, tendes canteiros, Tendes pátrias, tendes tectos, E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios. Eu tenho a minha Loucura Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura, E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios... Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém. Todos tiveram pai, todos tiveram mãe; Mas eu, que nunca principio nem acabo, Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo. Ah, que ninguém me dê piedosas intenções Ninguém me peça definições Ninguém me diga: "vem por aqui" A minha vida é um vendaval que se soltou. É uma onda que se levantou. É um átomo a mais que se animou... Não sei por onde vou, Não sei para onde vou, - Sei que não vou por aí